

## Editorial

Logo no início de *Dom Casmurro*, Bento Santiago confessa não ter conseguido "atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência". Com o perdão da insolência, a *Machado de Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos* parece ter conseguido algo parecido com isso neste sétimo número. Não só porque seus artigos contemplam desde peças de teatro escritas na juventude até o último romance, abarcando, portanto, a produção da juventude à velhice, mas também porque se nota no conjunto dos artigos uma tendência e um esforço para a comparação e a contextualização de obras individuais no contexto maior da produção do escritor. Além disso, a obra também é examinada em relação ao diálogo que mantém com autores e convenções literárias dos séculos XVI ao XVIII, da mesma maneira como é relida tendo em vista sua recepção póstuma, pelo cinema, em pleno século XXI. Senão vejamos:

Em "Diálogo entre o humano e o divino: *Os deuses de casaca* de Machado de Assis", Flávia Amparo mostra como Machado inscreveu na peça de 1864 comentários sobre a situação política daquele momento, ao mesmo tempo em que procurava realizar nessa comédia em versos o ideal de uma obra que fundisse prosa e poesia. Faz também aproximações entre a peça de 1864 e o romance *Esau e Jacó*, publicado quarenta anos depois, mostrando, de forma surpreendente, que a volubilidade política do Batista e a hostilidade irreconciliável entre os gêmeos Pedro e Paulo ganharam sua primeira representação já na década de 1860.

*Dom Casmurro* é assunto de dois artigos deste número. Em "Um discurso truncado: a tradição sentimental em *Dom Casmurro*", André Cabral de Almeida Cardoso estuda a presença do código setecentista do sentimentalismo burguês no imaginário brasileiro patriarcal do Oitocentos e analisa o uso malicioso que Machado de Assis faz disso no romance protagonizado por Bento e Capitu. Olhando no sentido inverso, Ascensión Rivas Hernández trata da relação de *Dom Casmurro* com a posteridade, focalizando a leitura recente, e redutora, do romance por Moacyr Góes, diretor do filme *Dom*, de 2003.

As relações entre a obra machadiana e o cinema são exploradas também por Victoria Saramago Pádua em "Mortos e presentes: as últimas obras de Machado de Assis e Ingmar Bergman"; no artigo, a autora estabelece um diálogo intertextual entre o *Memorial de Aires* (1908) e *Saraband* (2003), enfatizando que ambas retomam elementos das obras anteriores de seus autores, numa atitude de retrospectiva que corresponde aos pontos de vista dos narradores do romance e do filme que, na solidão da velhice, recapitulam a própria vida.

O *Memorial de Aires* é examinado também por Marinês Andréa Kunz e Juracy Assmann Saraiva, que analisam o último romance sob o prisma da autorreferencialidade, entendido pelas autoras como indicativo de um duplo posicionamento crítico do escritor: em relação ao fazer literário e também ao modo como a sociedade de seu tempo produz e consome arte. Ao tomar como ponto de partida o mesmo *Memorial*, Marcos Antonio de Moraes dirige o foco de análise para a correspondência do escritor, composta por pouco mais de duzentos e cinquenta cartas; em "Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária", o autor mostra como essas cartas, mesmo quando a intenção pareça ser a de produzir um esfumaçamento em torno do remetente, encerram uma "autorrepresentação problematizadora", contendo revelações sobre os modos de sociabilidade do escritor e aspectos cruciais de sua escrita.

Agora, um salto do último ao primeiro romance: Marta de Senna e Marcelo da Rocha Lima Diego revisitam *Ressurreição*, de 1872, atentando, entre outras coisas, para as modificações que Machado fez no texto da segunda edição, de 1905, o que nos leva novamente para os anos de conclusão da obra. Ainda que as modificações sejam pequenas da primeira para a segunda edição, os gestos, por mínimos que sejam, permitem entrever o romancista consagrado lançando o olhar sobre o passado, refletindo sobre suas páginas de estreia.

Olhar para o passado e o futuro tem sido praxe da revista, que desde seu primeiro número traz um artigo da tradição crítica machadiana e um estudo realizado por um jovem pesquisador. Assim, temos numa ponta "A formação filosófica e a atitude espiritual", capítulo do clássico *A filosofia de Machado de Assis* (1ª ed. 1940; 2ª ed.

1959), em que o crítico e historiador da literatura Afrânio Coutinho identifica o pessimismo cético de Machado com os pensamentos de Pascal e Montaigne; na outra ponta da crítica machadiana, Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro, estudante de graduação em Letras, argumenta, contra certa opinião corrente, que *Quincas Borba* é um romance tão transgressor e sofisticado quanto *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Finalmente, o número traz uma resenha do livro *Un clásico fuera de casa – nuevas miradas sobre Machado de Assis*, coletânea de 11 ensaios escritos por professores e pesquisadores brasileiros e espanhóis, em que as perspectivas de leitura da obra machadiana se multiplicam. A iniciativa de Ascensión Rivas Hernández, professora da Universidade de Salamanca e colaboradora deste número, representa uma oportunidade de aproximar os leitores de língua espanhola da obra de Machado de Assis e informá-los sobre o estado atual das discussões em torno da obra do escritor.

Assim, *Machado de Assis em linha*, criada em 2008 no âmbito do [Grupo de Pesquisa/CNPq "Relações intertextuais na obra de Machado de Assis"](#), vai constituindo um acervo quase "em tempo real" dos estudos realizados sobre Machado de Assis por pesquisadores de vários lugares do Brasil e do mundo, ampliando e consolidando sua atuação de número a número. Para isso, tem sido fundamental contar com a colaboração de pesquisadores de diferentes instituições do nosso país e do exterior, que nos remetem artigos e contribuem para a revista na condição de pareceristas *ad hoc*. A todos, os agradecimentos e o desejo de boa leitura.

Hélio de Seixas Guimarães e Marta de Senna.

São Paulo / Rio de Janeiro, junho de 2011.